

Apropriação Midiática Para A Produção Audiovisual: Análise Do Documentário “A Força Das Águas”¹

Indianara Ketlein Fachini²

Jane Márcia Mazzarino³

Resumo

Investiga-se a produção audiovisual participativa, em que os sujeitos exerceram sua autonomia para explorar a linguagem e a abordagem de um tema ambiental, que resultou no documentário “A Força das Águas”. Problematiza-se como foram afetados durante a produção e quais significados emergiram no audiovisual. O objetivo do estudo é analisar o processo de passagem de um receptor a produtor de sentidos quando se explora a linguagem audiovisual. Utiliza-se como método a pesquisa bibliográfica e a análise dos relatos etnográficos produzidos por produtores; de questionários com perguntas abertas, aplicados ao grupo produtor; e do produto audiovisual. A análise incluiu leitura dos materiais coletados, com a identificação de categorias emergentes para o tratamento de dados, com cruzamento ao estudo bibliográfico.

Palavras-chave

Educação ambiental; Audiovisual; Metodologia participativa; Apropriação midiática; Etnografia;

1 Introdução

Esta pesquisa estabelece um espaço de construção do saber a partir da intervenção social com a apropriação dos meios de mídia para geração de processos de comunicação ambiental de caráter educacional. Desta forma, articula-se às mudanças sociais e paradigmáticas contemporâneas, especialmente no que tange à educação ambiental e ao uso das tecnologias da informação na área emergente da comunicação ambiental.

De uma produção audiovisual participativa, em que os sujeitos exerceram sua autonomia para explorar a linguagem e a abordagem de um tema ambiental, surgiu documentário “A Força das Águas”. Não existiu a exigência de se seguirem parâmetros estéticos nas produções, mas se respeitou a liberdade de possibilidades e de construção de olhares e pontos de vista sobre a realidade. Como resultado surgiu a produção de um audiovisual carregado de significação social.

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Graduanda do 3º semestre de Jornalismo no Centro Universitário Univates. Email: indianara.k.fachini@gmail.com

³ Professora Doutora no Centro Universitário Univates. Email: janemazzarino@univates.br

Dentro desta perspectiva de análise, problematiza-se de que forma os sujeitos sentiram-se afetados no processo de produção audiovisual e de apropriação tecnológica e quais significados emergiram no produto audiovisual sobre a temática escolhida. O objetivo do estudo é analisar o processo de passagem de um receptor a produtor de sentidos quando se explora a linguagem audiovisual na abordagem da temática ambiental por meio de processos colaborativos.

Utiliza-se como método a pesquisa bibliográfica e a análise textual dos relatos etnográficos produzidos por pesquisadores-produtores; de questionários com perguntas abertas, aplicados a todos os integrantes do grupo envolvido no processo de produção audiovisual; e do produto audiovisual. A análise dos resultados está no seu processo inicial e refere-se à leitura dos materiais coletados, para a identificação de categorias emergentes para o tratamento de dados, e aos cruzamentos iniciais com o estudo bibliográfico.

2 Referencial teórico

2.1 Educomunicação

Pensando a Educomunicação, Lima propõe uma educação ambiental que incorpore “mecanismos de comunicação, informação, de participação e de influência dos destinos coletivos” (LIMA, 2002, p. 133 e 134). É neste sentido que se articula este estudo: na análise científica de processos construção de uma educomunicação socioambiental baseados em novas formas de fazer, que desencadeiem novas formas de ser cidadão, para que este se pense como parte de um ambiente que passa a conhecer em um processo de interação coletiva com práticas investigativas, divertidas e dialógicas, a partir de processos que surgem da universidade para a comunidade, mas não se restringem a ser unidirecionais. Esta proposta valoriza tanto saberes científicos quanto populares, realizando, assim, a troca de saberes que a perspectiva interdisciplinar apregoa.

A interface entre a educação e comunicação está correlacionada com a prática da consciência e da criticidade, assim como de sensibilidades que podem ser desenvolvidas para um processo de mudança do sujeito diante da mídia. Tornar o indivíduo produtor de conhecimento através de dispositivos midiáticos implica em um deslocamento de sua postura espectadora imparcial e somente receptora de conteúdos, ideias e concepções a respeito da realidade social, para uma concepção de produtor de significados,

democratizando-se o acesso aos meios de comunicação. O receptor que passa a ser produtor de sentidos sai do lugar de mero consumidor de conteúdo das produções industriais da mídia massiva (TIETZMANN e ROSSINI, 2013).

Teoricamente, este estudo coloca-se como uma contribuição à área da educomunicação. Kaplún (2011, p.176) explica que na área “convergem uma leitura da pedagogia a partir da comunicação e uma leitura da comunicação a partir da pedagogia”. Da mesma forma, para Soares (2011) na educomunicação aglutina-se educação com a comunicação, mantendo os valores básicos de cada uma. Isto porque, segundo Citelli (2011), as áreas da comunicação e da educação têm linhas próprias de atuação, conceituais, metodológicas e de pesquisas, por isso a educomunicação chega para ser um novo elemento que, por sua vez, tem espaço transitório nos dois campos, tendo um leque vasto de opções em escolas e fora delas.

A interface entre educação ambiental e comunicação está garantida reiteradamente tanto em documentos legais quanto da sociedade civil brasileira, e por consequência nos estados e municípios, assim como no âmbito internacional. Porém, Soares (2011) diz que não basta o “papel” sem existir ações concretas que levem em conta seus princípios norteadores, os quais versam sobre aspectos relativos à dialogia, inclusão, valorização de diferentes saberes, compromisso com a interatividade e produção participativa, transparência, transversalidade, acesso a múltiplas mídias, democratização da comunicação e a acessibilidade à informação socioambiental, evidenciando-se a compreensão que a comunicação é um direito humano fundamental (BRASIL, 2008).

Os documentos nacionais norteadores desta área prevêm seis dimensões para educomunicação: como campo de conhecimento, para recepção crítica dos conteúdos da comunicação de massa; como espaço educativo irradiador de processos de educomunicação; como gestão participativa dos meios; como processo formativo de habilidades comunicativas; e também como uma dimensão da educação em relação aos meios de comunicação de massa (BRASIL, 2005 e 2008).

Enfim, os aspectos apresentados do Programa de Educomunicação Socioambiental são reiterados em artigos diversos de autores que contribuem com a área, muitos deles integrantes da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom) e participantes dos grupos de trabalho em eventos

científicos das áreas da educação e da comunicação que, historicamente, tratam da interface entre comunicação e educação, com crescente aproximação ao tema ambiental.

2.2 Audiovisuais

O audiovisual é entendido nesta pesquisa como um meio no qual é possível que se chegue à essência da educomunicação, questionando o papel da mídia na sociedade e na construção do sujeito social. Compreendido como uma oportunidade para encorajar pessoas quaisquer a repensar as relações estabelecidas nos espaços de interação social, o acesso ao audiovisual coloca muitas vezes os participantes/produtores em situações que possibilitam refletir sobre como contar uma história pode transformar as concepções de realidade de si, do outro e do ambiente.

Tem-se percebido cada vez mais forte a presença da mídia nos espaços sociais e no cotidiano dos sujeitos, que estão abertos aos discursos imagéticos ou verbais por ela produzidos. Tal constatação evidencia um cenário social permeado pela centralidade de veículos da grande mídia e suas produções, os quais são responsáveis por produzir ópticas que afetam e tecem sentidos para seus receptores. (HJARVARD, 2012).

A centralidade e o poder da mídia se estendem de forma sublime a vários espaços por meio de diversos aparatos e dispositivos, estruturando muitas vezes um sentido único para o fluxo da informação, de produtor a receptor, identificando uma característica da comunicação de massa (THOMPSON, 1998). Ferreira (2008) trata da relação entre mídia e espectador dizendo que “[...] o interesse da mídia pela vida e produção do homem ordinário torna-o menos sujeito criativo dentro desses produtos e mais estereótipos que sustentam uma lógica roteirizada onde pouco conseguem interferir.”

O autor segue argumentando que o que existe hoje é a espetacularização da vida comum na mídia, a qual tem o sujeito além de um mero espectador, um objeto, condicionado a uma estratégia de audiência.

Nesta perspectiva o audiovisual também pode ser considerado uma produção de mídia, que diferente dos padrões industriais, se construído com um sentido participativo e amador, voltando-se para as questões que emergem no cotidiano da vida social.

A produção audiovisual decorrente de uma apropriação dos meios de mídia, propõe assim uma reversão no cenário comunicacional, exigindo que o sujeito rompa com a relação enraizada no social, e se desloque da função de receptor. (SOUZA, 2007).

Deste modo, acessa a uma extensão que o capacita a produzir sentido e provocar diálogo através de uma narrativa própria, responsável por abdicar aos modelos clássicos de representação, baseados na escolha de um ponto de vista estável e fixo, na exclusão daquele que filma e na separação do espectador da cena (XAVIER, 2003, p.61 apud FELDMAN, 2012, p.186). Essa prática, como forma de apropriação dos bens culturais hegemônicos, remete que:

É nesse contexto que nascem as trocas e conflitos entre a cultura massiva e as culturas populares e dessa apropriação desigual nascem às hibridizações como resultados de forma específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica das suas relações sociais. (CANCLINI, 1981, p.43 apud FRAGOSO, SANTOS, 2008, p.2)

Habilitar o sujeito comum para que este seja condutor do ritmo e do rumo de um produto audiovisual, pode beneficiar o surgimento de um resultado que se seja mais próximo da sua realidade. Isto porque o audiovisual voltado ao cotidiano trata de temáticas ali encontradas. O próprio indivíduo produtor deve ser compreendido como parte do cotidiano. Deste modo, a realidade surge da percepção daquele que a vive de perto, e não somente atua como um observador.

Ainda, este tipo de produção contempla narrativas mais factuais e palpáveis, (TIETZMANN e ROSSINI, 2013) convidando os espectadores ao diálogo, de modo a tornarem-se participantes do processo, contribuindo, desta maneira, para a descentralização da mídia tradicional e de seu modelo clássico.

Introduzir tais processos de produção audiovisual na sociedade, carregados de aspectos participativos, enaltecem o compromisso social da área da comunicação. Propõe-se, neste artigo, que os meios de mídia sejam dispositivos democráticos. Não somente no sentido da distribuição da informação, mas também na produção. Tornar o indivíduo produtor é afirmar que qualquer sujeito pode oferecer um conhecimento, valorizando-se, para além da estética, a apropriação midiática, no sentido de que se distancia da prática do consumo corrente, para ser uma prática de consumo alternativo às mídias tradicionais.

Propor a produção de audiovisuais por meio de processos participativos e educativos, com grupos sociais diversos, e incentivar a investigação de problemáticas contidas ambientais, era o desafio da pesquisa-intervenção. O sujeito diante do desafio da apropriação tecnológica potencializa uma nova concepção da realidade e se habilita àquilo que nunca antes fora experienciado: o estar atrás das câmeras, enquadrar realidades e pensar os problemas a partir das lentes. Ele pode conduzir a crítica da

realidade que é representada, um fator novo para o sujeito, já que como sendo somente espectador, nem sempre é estimulado a pensar nas narrativas que tem acesso. Capacitar para a produção midiática, é dispor para a possibilidade de novas perspectivas diante de determinado contexto social, que se apresenta para ser entendido e compreendido. A proposta da pesquisa era que os participantes produzissem um documentário audiovisual.

O filme documentário interrompe as conexões objeto-sujeito, propondo uma profunda transformação das hierarquias e das coordenadas usuais das experiências sensoriais. Desorganização da experiência com o mundo. É quando o cinema documentário se faz mão pelo que se sabe, mas pelo que essa relação fílmica irrompe. (FURTADO, 2012, p.6)

As narrativas que são construídas neste contexto permitem averiguar a perspectiva sobre a vida, e do que nela foi depositado. O documentário é sensível à vida que acontece fora da tela, incorporando de maneira minuciosa o mundo. Caracteriza-se como uma obra identificada por sua porosidade para o real o qual de acordo com a participação do sujeito, é produzido, apreendido o ritmo e o movimento da vida, ambos atravessados em imagens. (FURTADO, 2012).

Esta pesquisa, entende como crucial a “incursão em profundidade na cena representada, que só será possível se o fragmento visual for compreendido em sua interioridade” (KOSSOY, 2001, p. 96 apud FRAGOSO e SANTOS, 2008, p.3). Esta análise está centrada em “como o indivíduo conta a sua própria história” (KOSSOY, 2001, p.100 apud FRAGOSO e SANTOS, 2008, p.3).

Dentro de todas estas características, o processo de transformar espectadores de mídia em produtores foi o que levou ao objetivo da pesquisa, que busca reconfigurar os padrões de comunicação que tecem a sociedade a partir da educomunicação, e as relações subjetivas que se formam a partir dela, pensando no indivíduo interligado à mídia, à sociedade, a si mesmo e ao ambiente.

3 Método

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa. Quanto aos fins é exploratória, descritiva e explicativa, com viés participativo e metodológico. Quanto aos meios é bibliográfica, documental e de campo, com aplicação do método etnográfico, incluindo entrevistas e observação participante, além de produção de imagens e análise das mesmas. O tratamento de dados se deu meio da análise discursiva e da etnografia visual aplicada sobre os relatos etnográficos e questionários.

A amostra é não probabilística por acessibilidade, já que os informantes mostraram disposição de participar da pesquisa ao se inscreverem no curso de Formação Audiovisual Interfaces. O curso ofereceu conteúdos sobre educomunicação, temas do projeto de extensão Interfaces, da Univates e aspectos produtivos do audiovisual (planos, luz, enquadramentos, roteiros, edição, etc..). O desafio era construir um documentário sobre cada tema do Interfaces: migrações, ambiental, direitos humanos, educação fiscal, violência contra a mulher e nomadismo.

Após a parte teórica-formativa, formou-se um grupo por alunos de graduação dos cursos de História, Direito, Relações Internacionais e Publicidade e Propaganda, que decidiu abordar questões socioambientais. Coletivamente decidiram abordar a enchente histórica que aconteceu em 2010 no Vale do Taquari, região central do Rio Grande do Sul, devido ao acesso às fontes de dois dos integrantes do grupo. Buscaram relacionar os temas dos direitos humanos, ambiental e educação fiscal.

Ao longo da produção audiovisual um participante-pesquisador construiu relatos etnográficos e, ao fim do processo, todos responderam a questionários sobre a experiência. Os dados foram tratados a partir da análise textual de Moraes (2007). As categorias que emergiram foram o produto e o processo.

4 Análises

4.1 Do produto

Como resultado da experiência proporcionada pelo Curso de Formação Audiovisual, após equipar o grupo de seis integrantes com os ensinamentos técnicos fílmicos e disponibilizar os recursos necessários para captação e edição das imagens, eles tiveram como produto audiovisual um documentário de aproximadamente vinte minutos, sensível ao desastre ambiental ocorrido no ano de 2010, na região da Barra do Fão. A enchente deixou dezenas de famílias em situação difícil, principalmente nas cidades de Marques de Souza e Pouso Novo, onde muitas perderam suas casas.

Ao analisar o filme, percebem-se aspectos amadores, tendo em vista que surgem alguns erros técnicos, ao longo da narrativa. Alguns enquadramentos feitos dos entrevistados, não valorizaram os planos mais fechados, que colocasse como central o discurso de quem viveu a enchente, com o uso de planos abertos, ruídos imagéticos, elementos inexpressivos ao sentido da obra, afetaram a narrativa.

Também dentro deste aspecto, pode-se observar algumas cenas mal dispostas de acordo com a luz, onde os entrevistados foram filmados contra a luz do cenário, tendo

em alguns momentos, o primeiro plano ficado escuro, sombreado. Mas entendendo a obra com o sentido da cultura participativa, e considerando-a uma experiência democrática, ela é analisada para além dos julgamentos técnicos. As falhas somente evidenciam a inexperiência dos participantes-produtores, em um processo que se queria amador, expondo que, independente em qual fase do processo de apropriação tecnológica se encontra, o sujeito pode ser capaz de abandonar a imparcialidade de receptor e estabelecer, através de uma produção midiática, um diálogo social carregado de conhecimento e autonomia.

Sem a presença de uma narrativa percursora, responsável por controlar e reger a ordem das informações assim como as falas dos entrevistados, a obra enfatiza o discurso dos participantes como fundamental, depositando o poder de narrar naqueles que vivenciaram a problemática social e ambiental. São diversas tomadas, numa espécie de vai e vem dos entrevistados, compondo não uma linearidade na narrativa, onde cada um teve sua vez, mas uma troca, um intercâmbio da experiência. Deste modo, a representação fica compartilhada, com as vozes que contam o sofrimento dialogando sobre ele. A linearidade se dá a partir da opção dos produtores por seguirem uma ordem cronológica para contar o acontecimento. O audiovisual começa com o que aconteceu antes da tragédia, o durante, para depois abordar como deu-se a recuperação depois dela.

Os únicos dispositivos responsáveis por ordenar as falas são tomadas de subtítulos e um pequeno fragmento de texto introduzido no início da obra, os quais não ganham muito destaque, permitindo que os relatos sobressaiam-se. Além disso, durante os relatos dos entrevistados, para garantir ainda mais a veracidade das informações, os produtores reforçaram com imagens, que sobrepostas às falas, torna-se uma estratégia de aproximar quem assiste do fato contado.

O documentário “A força das águas” contempla a experiência das famílias e dos municípios que viveram a enchente. Visualiza-se narrativa de transformação que busca ampliar a consciência (LIMA, 2009, p.444 apud MARTINEZ 2013) dos envolvidos, de forma a gerar reflexão sobre a questão (CAMBELL, 1990 apud MARTINEZ 2013). São falas que carregam a emoção, algo que fica plenamente perceptível na voz e na maneira como os moradores relatam a experiência. Estes elementos apontam a capacidade destas produções audiovisuais de, além de reproduzir a realidade, servir como um instrumento cultural de construção da realidade.

4.2 Do processo

A partir dos questionários respondidos pelos participantes que produziram o documentário, emergiram alguns aspectos que caracterizaram o processo de envolvimento com a temática e com o grupo, bem como o de apropriação do curso e da própria tecnologia.

Das respostas, em todas emergiu alguma variante relativa a conflitos decorrente das relações do grupo. Contudo surge em situações diferentes, ora representando a dificuldade do trabalho em grupo, ora a tarefa de superar o impacto do uso tecnológico para poder cumprir com a construção do documentário.

Como já previsto, a apropriação tecnológica é um processo que dilacera o comodismo, por tratar-se de uma ordem totalmente inversa àquela que estavam acostumados. É necessário um esforço e um compromisso para que em pouco tempo se aprenda e compreenda os procedimentos técnicos que envolvem os meios de produção. Este processo puramente técnico é diferente do olhar sobre a mediação tecnológica, o qual naturalmente é algo que causa menos atrito.

Também, foi possível perceber que os participantes criaram uma demasiada expectativa com relação ao técnico e ao estético, buscando uma obra singular, com uma narrativa que contemplasse os saberes individuais e populares, registrando-se certa tensão quanto aos erros técnicos que comprometiam a harmonia da obra. P1 diz que participar da proposta foi uma experiência gratificante, mas difícil.

Acredito que foi dado pouco tempo e espaço ao treinamento e capacitação dos participantes, o que prejudicou o resultado final visto que, em consequência do pouco conhecimento dos que participarão das gravações, muitas das imagens foram comprometidas ou prejudicadas.

Embora conflitante, a maioria dos participantes considerou positiva a experiência com a tecnologia, já que a atualidade requer essa interação com os meios tecnológicos.

Outro momento em que o conflito assume centralidade refere-se ao relacionamento dentro do grupo. As entrevistas e os relatos etnográficos demonstraram que um dos participantes definiu previamente o assunto a ser abordado e de que forma se daria. Durante todo o processo através dos relatos percebeu-se a nítida disputa pela condução da narrativa e da abordagem dos fatos. P7 relata:

[P5] disse seu ponto de vista, querendo fazer um documentário mais investigativo, com ficção e com drama em todas as entrevistas e foi contrariado diversas vezes pelo professor, que falava de forma não rude, no entanto que fosse entendido. [P5] tentou diversas vezes fugir

do foco do documentário, fazendo com que ele virasse uma investigação, procurando culpados da tragédia que será relatada. Agia como se estivesse criando uma nova história para o que já havia acontecido. Portava-se como líder do grupo, já que deu a ideia do tema e perceptivelmente influenciou seus amigos a concordarem com ele. [...] Quando contava as histórias colocava sempre uma “emoção” e dramaticidade em suas palavras.

O grupo era composto por sete integrantes, ou seja, sete visões de mundo diferentes que permeavam apenas um produto. As análises apontam que a experiência de construir conjuntamente pode vir mostrar disparidades de opinião, pois todo o indivíduo encara a produção e o tema a ser abordado levando em consideração uma subjetividade e envolvimento, o que até mesmo de maneira involuntária afeta no produto final. P5, quando questionado sobre as relações no grupo, diz que alguns participantes “limitavam e muito o desenvolvimento das nossas ideias, tentando impor a sua própria vontade e não buscando desenvolver a ideia do grupo [...]”. “ Ele ainda complementou argumentando “se algumas ideias minhas fossem colhidas, e não contrariadas, certamente o resultado, digamos até inovador, poderia ser bastante diferente, para melhor, e a qual foi aceita por alguns do grupo.”

Outros participantes relatavam a falta de empenho de alguns na produção, mas avaliaram como bom o andamento do grupo, considerando sua homogeneidade e afirmando que, embora nem todos pudessem sempre participar das atividades, as decisões eram tomadas em conjunto.

Além da disparidade de opiniões dentro do grupo, pode-se pontuar que durante o processo surgiu em alguns participantes, um conflito com a própria realidade visualizada e retratada. Quando ocorre uma mudança sensível da forma de perceber a realidade.

Achei comovente, dramático. Não tinha ideia de que um fato tão perto de nós... num primeiro momento pós-evento, era algo não muito extraordinário e, após análise e desenvolvimento do trabalho, tivesse outra percepção do mesmo evento redefinindo como algo tão dramático e estigmatizante para quem vivenciou essa tragédia natural. (P5)

Isto ocorre devido a uma desconstrução do olhar e reconstrução, pensada e reorganizando aquilo que foi representado no produto final, embora este, por sua vez signifique apenas parte de um ciclo.

Em maior ou menos medida, a experiência do cinema exige um trabalho psíquico específico, um investimento afetivo e emocional que promove transformação de ordem subjetiva; algo acontece no interior do sujeito, suscitando um reordenamento, um rearranjo de seu universo particular. (CODATO, 2014, p.2)

Evidenciou-se a sensibilização do grupo em geral, ao se deparar com a real devastação que a enchente causou na vida das famílias atingidas. Capturar a experiência do outro tornou-se, para os participantes, um momento de se abrir à texturização minuciosa, onde o sujeito que observa, absorve e sente. E é este momento que deve ser entendido como o cerne do rompimento entre receptor e produtor. O produtor deve se desconstituir e estar acessível, de maneira que o cenário e a vida não sejam somente algo pertencentes às lentes, mas também ser matéria essencial na construção do sujeito que atento produz conhecimento através de narrativas.

5 Considerações finais

Terminadas as análises evidenciou-se que os sujeitos produtores do documentário apropriaram-se do processo de diversos modos: conflituoso, curioso, acomodado, etc. Contudo, alguns elementos poderiam ter sido melhor explorados, fim de se obter mais dados sobre como foram afetados pelo processo de condução da produção. Os relatos etnográficos e os questionários respondidos não foram profundos o suficiente para evidenciar a transformação e suas nuances que transitaram nos sujeitos envolvidos. Por ora fica evidenciado que possibilitar o acesso à tecnologia aos indivíduos e convidá-los ao fazer fílmico, é ainda uma ousadia nos processos de comunicação: gera tensão entre participantes e entre o uso da tecnologia.

6 Referências

_____. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BRASIL. **Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação**. Organização. Francisco de Assis Morais da Costa. Brasília: MMA, 2008. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/arquivos/txbase_educom_20.pdf>. Acesso em: 14 maio 2014.

BRASIL. **Programa de Educomunicação Socioambiental**. Organização: Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental: MMA, 2005. Disponível em: <http://www.daep.com.br/coletivos/adm/download/dt_2_programa_educomunicacao_socioambiental_4a_versao_maio_final.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2014.

CATELLI, Rosana Elisa. **A domesticação do cinema nacional: Cinema de Amadores, Cinema Educativo e Cinema documentário**. In: INTERCOM- CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., Rio Grande do Norte, 2008. *Anais...* Rio Grande do Norte: UFRN, 2008.

CITELLI, Adilson Odair. **Comunicação e educação: A linguagem em movimento**. São Paulo: SENAC, 2000.

CODATO, Henrique. **Modulações do duplo: crise, imagem e olhar no cinema contemporâneo**. In: ENCONTO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 23., Pará, 2014. *Anais...* Pará: UFPA, 2014.

FELDMANN, Ilana. **A ascensão do amador: “Pacific” entre o naufrágio da intimidade e os novos regimes de visibilidade**. Ciberlegenda, UFF, RJ, n.12, 2012. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/548> Acessado em: 20/10/2016.

FERREIRA, Alevi. **O comum modulado e o comum fabulador: o homem ordinário na sociedade do controle**. . In: INTERCOM- CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., Rio Grande do Norte, 2008. *Anais...*Rio Grande do Norte: UFRN, 2008.

FRAGOSO, Patrícia Munick de A. ; SANTOS, Maria Salett Tauk; **Vídeo Digital: Híbridizações, Identidades e Representações** . In: INTERCOM- CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., Rio Grande do Norte, 2008. *Anais...*Rio Grande do Norte: UFRN, 2008.

FURTADO. Beatriz. **Por um regime estético das artes do documentário: algumas considerações para inscrição do documentário numa perspectiva de um regime das maneiras de ser do sensível**. In: ENCONTO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 21., Minas Gerais, 2012. *Anais...* Minas Gerais: UFJF,2012.

KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. *Anais...* São Paulo: Paulinas, 2011.

LIMA, G. F. C. **Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória**. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (org.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania** (p. 115-148). São Paulo, Cortez, 2002.

MARTINEZ, Monica. **Mundus Imundus: O imaginário do lixo em três filmes brasileiros**. In: ENCONTO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 22., Bahia, 2013. *Anais...* Bahia: UFB, 2013.

MORAES, Roque. **Mergulhos Discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos**. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FERREITAS, José Vicente de. (orgs.). Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

SOUZA, Filipe Alves de. **O homem ordinário com a câmera**. INTERCOM- CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., São Paulo, 2007. *Anais...*São Paulo: UNISANTA, 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: um campo de mediações**. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011. ADAMS, Berenice Gehlen. Tendências pedagógicas e educação ambiental. *Educação Ambiental em Ação*. Nº 7, Ano II, 2004.

Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=190&class=02> Acesso em: 16 de fevereiro de 2012.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 261 p.

TIETZMANN, Roberto. ROSSINI, Miriam de Souza. **O registro da experiência no audiovisual de acontecimento contemporâneo**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 22., 2013, Bahia. *Anais...* Bahia: UFB, 2013.